

A pós-graduação e a mais-valia

FLÁVIO R. L. PARANHOS*

"Dedico esse momento ao meu amigo Fulano, que é engenheiro, e sempre me provocou dizendo que doutor é quem tem doutorado"
Pós-graduando, ao saber da aprovação de sua tese de doutorado.

Uma medida tomada recentemente por uma empresa de seguros de saúde é, ao mesmo tempo, alvissareira e triste. Estabelece regras para o ganho do médico, valorizando aspectos como: formado há mais de dez anos, residência, especialização, mestrado, doutorado e docência. Quanto aos três primeiros, não há qualquer sombra de dúvida de que são indicadores de maior experiência e melhor formação e preparo profissionais. Mas será que isso vale também para mestrado e doutorado? Não. O mestre/doutor é necessariamente melhor médico do que o que não possui esses títulos? Não.

O que significa, então, para o médico ter mestrado/doutorado? Significa, na melhor das hipóteses, que se trata de uma pessoa com grande interesse em ensino e/ou pesquisa. Digo "na melhor das hipóteses" porque, infelizmente, há uma infinidade de outros motivos menos nobres para almejar esses títulos. Vaidade e marketing pessoal, para

começo de conversa. Galgar posições políticas em sociedades médicas, subir na carreira universitária, melhorar o salário, etc.

Um erro grosseiro que se vem cometendo sistematicamente, e, o que é pior, encarado de forma natural, é a valorização cega e obsessiva dos títulos de mestre e doutor pelos meios oficiais de fomento à educação. Se determinada universidade tem mais mestres/doutores, é melhor conceituada, recebe mais atenção, enfim, mais dinheiro. Em conseqüência, temos universidades tradicionais tratando de garantir que seus próprios quadros abocanhem logo o título, e professores sem a menor vocação para a pesquisa sendo obrigados a enfrentar os cursos não como se fossem cursos, mas, sim, obstáculos à obtenção do amaldiçoado título.

Como diz Wladimir Kourganoff, em *A Face Oculta da Universidade* (Editora da Unesp), vocação para ensino não significa necessariamente o mesmo para



* **FLÁVIO R. L. PARANHOS** é médico, Doutor em Oftalmologia pela UFMG e Pós-Doutor pela Escola Médica de Harvard.



a pesquisa e vice-versa, e o que se consegue com o atrelamento da produção científica à subida na carreira docente é apenas a figura dos pseudopesquisadores e pseudoprofessores.

Não há porque obrigar bons professores da graduação a passar pelo suplício (para eles) de um curso de pós-graduação. Existem meios mais inteligentes e justos para mantê-los atualizados. Por outro lado, não faz sentido obrigar pesquisadores a dar aulas, se essa não for sua vocação. O prejuízo é duplo: deles próprios e dos alunos.

O financiamento da graduação não pode depender do número de mestres/doutores ou mesmo da produção científica. Aliás, número de mestres/doutores não deve servir de parâmetro nem para a pós-graduação, pois seu financiamento e de seus laboratórios de pesquisa deveria depender exclusivamente de sua produção científica, quantitativa e qualitativa. Afinal, de que vale o título com a tese empoeirando nas bibliotecas, sem que seja sequer publicada ou mesmo inaugure uma linha de pesquisa regular?

Outra conseqüência bastante nociva dessa fome de títulos é a dificuldade de acesso aos cursos de pós-graduação, por parte de candidatos (com vocação) oriundos de universidades mais novas. Enfrentam a endogenia reinante em muitas das ditas tradicionais, e alguns acabam por desistir no meio do caminho.

Como consolo, apenas o fato de que, a médio e longo prazos, essa endogenia será fatal a essas universidades, resultando em completa decadência, pois instala um clima de inércia e desestímulo entre seus integrantes.

Mestrado e doutorado, antes de serem títulos, são cursos. Aprofunda-se em um tema específico que será objeto de um experimento científico para a elaboração da tese e, quiçá, inaugurador de uma linha de pesquisa. Para tanto, são de vital importância as disciplinas do chamado domínio conexo (metodologia científica, estatística e didática, por exemplo). Pois bem. É de estarrecer o desprezo que dispensam a essas disciplinas os alunos que evidentemente entram na pós-graduação com todas as credenciais do mundo, exceto a que mais interessa: vocação. Resultado: formam-se mestres e doutores sem a menor noção dessas matérias, aliviadas por obterem enfim o título.

Sou médico, não sou matemático, dizem, referindo-se à campeã das antipatias, a bioestatística (como se fosse possível realizar pesquisa científica sem, no mínimo, compreender seus fundamentos). Alguns, os chamados medalhões, chegam a contratar um verdadeiro exército para elaborar sua tese, com a alegação de falta de tempo. Terminam o curso como começaram: pseudopesquisadores.

"Sendo o termo da vida limitado, não tem limites a nossa vaidade", escreveu o filósofo brasileiro Matias Aires. É verdade. Que o diga o rapaz da epígrafe, que fez doutorado para ser chamado de doutor.

P.S.: Será que estaria muito enganado se imaginasse que um bocado do que está escrito acima pode ser generalizado para outras áreas?